

Pesquisa da Fundação Getulio Vargas constatou que a crença no Papai Noel vem decaindo em número de anos. Para as gerações futuras, estima-se que esse período de fantasia não passará dos cinco anos de idade. Os motivos, talvez a pesquisa não precise citar. Basta uma observação mais acurada ao mundo infantil, para perceber como ele anda adultizado.

O leque das variáveis que tentam explicar essa adultização da infância se abre quase ao infinito, mas junto a todas elas, haverá sempre a inversão de valores. Brincadeiras típicas que imitam o mundo adulto, por exemplo, estão ficando cada vez mais sérias. Já se confundem com a realidade da infância.

O mundo infantil deve ser compreendido, respeitado, e isso só se consegue com muita empatia, que não é sinônimo de imitação. A inteligência das crianças é subestimada, cada vez que os adultos tentam se aproximar forçando infantilidade, com perguntas cretinas e dialetos de línguas enroladas. Sem falar nas ordens contraditórias, promessas de prêmios e castigos não cumpridas e agendas abarrotadas de compromissos adultos. E a saudável habilidade de lidar com limites, tão difundida em palestras e reuniões de pais, acaba sendo confundida ou simplesmente esquecida. Dar substrato à imaginação, permitir e estimular as fantasias do mundo infantil - e não transformá-las em caricaturas ou cópias do mundo adulto - isso é o que se pode fazer.

Realmente, fica difícil acreditar no bom velhinho em tempos de consumismo e ídolos descartáveis. Mas ele tem sobrevivido graças a sua utilidade comercial, apesar de ser desrespeitado aos limites do ridículo - e como mito, perder toda credibilidade: perucas desgrenhadas, barbas visivelmente postiças, máscaras pálidas de emoções enregeladas e um cansaço adulto, típico de fim de ano, não passam despercebidos pela observação privilegiada dos pequenos. Entre um compromisso e outro, sobra tempo para a criança se divertir, achando os sete erros no Papai Noel mais próximo. Porém, nem tudo está perdido: no jardim-de-infância, quem sabe, ele ainda seja recebido com legítimo entusiasmo.

Se eu acredito em Papai Noel? Lógico, como acredito que a fantasia infantil não é um engodo e deve ser preservada em todas as épocas do ano, como acredito na infância, na sua magia e valor. Mas aos sete ou oito anos, com batom escuro, roupas que erotizam o corpo e desejos tipicamente adolescentes, fica complicado alimentar fantasias infantis. É difícil acreditar em Papai Noel quando os valores são outros, e não se é mais criança antes de completar dez anos.

Ver a infância se reduzindo ao período de berços e mamadeiras, com excessiva complacência ou até incentivo, muito me entristece. O futuro desses pequenos adultos, talvez não recupere o que se perdeu da infância. Então, como adultos de fato, a única fantasia que poderão ter, quem sabe, é aquela de tecido vermelho, comprada para as festas de fim de ano.